

A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS): UMA ABORDAGEM REFLEXIVA A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES DOS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS

Érika Cecília Teles de Andrade ¹

RESUMO: A leitura é essencial para todos os seres humanos, pois à medida que ela contribui para a ampliação do vocabulário, ela reforça o pensamento crítico. Todavia, ler não se restringe apenas a decodificação dos signos linguísticos, é necessário que aconteça a interpretação das informações contidas no campo linguístico do texto, estabelecendo interações contínuas entre o autor da obra, o leitor e o texto. Dialogando com esta temática, o presente estudo objetivou analisar os documentos oficiais, compreendendo a formação do leitor crítico no âmbito escolar a partir da leitura de gêneros textuais. Como cerne da pesquisa, temos como fundamentação teórica a autora Kleiman (2009) pelo viés de que o texto não é um produto acabado, assim como também Antunes (2003), Brasil (1998) e Brasil (2017). Tais escolhas tem como propósito refletir acerca da formação do leitor crítico na contemporaneidade. Com foco em uma abordagem de pesquisa bibliográfica, o presente estudo verificou que é de suma relevância trabalhar a leitura de gêneros textuais em sala de aula a partir de textos com linguagem verbal, não verbal e mista, propiciando ao leitor a interação com o texto de forma significativa, dando-lhe, portanto, sentidos outros.

Palavras-chave: educação; currículo; leitor crítico; documentos oficiais; gêneros textuais.

INTRODUÇÃO

O ato de ler é de suma relevância para todos os seres humanos, posto que permite ao leitor a aquisição de um vocabulário mais vasto, expande de maneira significativa a capacidade de expressar ideias com clareza e objetividade, assim como também desenvolve o pensamento crítico. Além disso, ler não se restringe apenas a decodificação do código, embora seja necessário que o aluno conheça a estrutura da língua e consiga decodificar os signos linguísticos. Logo, para a compreensão de um texto de maneira proficiente, é necessário que, após a decodificação dos signos, o aluno busque compreender os sentidos do texto ao estabelecer uma interação com o autor, leitor e texto.

Nesse interim, o presente trabalho surgiu com intuito de refletir acerca das contribuições dos documentos oficiais para o ensino de leitura no Ensino Fundamental (anos finais) com vistas ao aperfeiçoamento do currículo escolar. Por conseguinte, a partir dessas reflexões, o presente estudo verificou que, ao longo dos anos, novos documentos oficiais surgiram, com novos conhecimentos, os quais melhoraram o cenário caótico da educação brasileira, pois os

¹ Graduanda do Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, erika.ec122@gmail.com
(83) 3322.3222

estudos sobre o ensino de leitura trouxeram mudanças expressivas na abordagem da leitura dos textos em sala de aula. Agora, tanto os elementos intralinguísticos quanto os extralinguísticos são importantes para a leitura proficiente de um texto – o conhecimento de mundo do leitor, o momento histórico de produção da obra, os elementos linguísticos do texto e o autor da obra são alguns dos elementos a serem levados em consideração no momento da leitura.

METODOLOGIA

Como metodologia, a presente pesquisa é de natureza básica, pois este é um trabalho que busca aprimorar os conhecimentos acerca dos documentos oficiais com ênfase na formação do leitor crítico através de gêneros textuais. Diante disso, o método escolhido é o qualitativo. Por fim, a concretização do presente estudo se deu a partir de um estudo bibliográfico, mediante a contribuição de Antunes (2003), Kleiman (2009), Brasil (1998) e Brasil (2017).

OS GÊNEROS TEXTUAIS

A interação verbal entre os falantes é uma atividade discursiva que tem uma intencionalidade, logo, ao produzir um discurso, os falantes selecionam as palavras adequadas à situação comunicativa e reformulam as sentenças a fim de deixá-las estruturadas de acordo com a ênfase que se pretende dar ao assunto, ou seja, a comunicação não acontece de maneira aleatória, sempre há uma prévia organização e seleção do material linguístico anterior à fala do locutor.

Outrossim, os discursos, ao serem produzidos no processo de interlocução verbal e/ou não verbal, tornam-se textos – unidades estruturadas com sentido completo. De acordo com Brasil (1998), o produto da atividade discursiva tanto oral quanto escrita que forma um todo significativo, independentemente do tamanho de sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir de mecanismo linguísticos a fim de tornar a transmissão da mensagem eficiente, de modo a ser compreendida facilmente durante o processo de interlocução.

Seguindo o raciocínio, Brasil (1998) pontua que os gêneros textuais são determinados historicamente, com formas relativamente estáveis de enunciados – embora sejam muito maleáveis e dinâmicos. São caracterizados por três elementos, a saber: conteúdo temático (o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero); construção composicional (esquemática, organização dos textos) e estilo (escolhas realizadas para a constituição do dizer).

Por fim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (1998) sugerem que as instituições escolares utilizem os gêneros textuais como objeto de ensino para a prática de leitura, pois os gêneros contribuem demasiadamente no processo de ensino-aprendizagem. Em suma, os gêneros textuais trouxeram grandes contribuições para a prática de leitura, pois à medida que as escolas trabalham com o contexto, o momento histórico de produção do texto, o meio de veiculação e suporte, elas estão contribuindo para que os alunos sejam leitores proficientes, que tenham um olhar além da superfície, que busquem informações tanto no texto quanto no contexto de produção.

O ENSINO DE LEITURA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM TRABALHO EM TORNO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Ao longo dos anos, com o surgimento dos aparatos tecnológicos, diversos gêneros textuais e modos de comunicação surgiram na sociedade contemporânea. Assim, à medida que as interações humanas se modificaram, os gêneros textuais também percorreram um caminho proporcionalmente semelhante. Anteriormente, como se sabe, o gênero textual carta era um meio usual e frequente de comunicação no cotidiano da população, mas, com o avanço tecnológico, as cartas escritas à mão sofreram adaptações no processo de transmissão da mensagem e cederam espaço ao gênero textual e-mail – meio eletrônico de comunicação.

Diante do exposto, é plausível inferir que os gêneros textuais fizeram e continuarão fazendo parte do cotidiano da população. Em vista disso, é necessário que os indivíduos tenham contato frequente com o ato de ler, pois é através do processo de leitura que a interação social acontece, seja pelo texto escrito, seja pelo gesto ou seja pela oralidade. Todavia, para que a leitura seja uma atividade frequente e prazerosa, é importante que a escola introduza os textos de maneira lúdica, que ensine ao aluno como adquirir o hábito de ler não apenas no âmbito escolar a fim de adquirir conhecimentos técnicos, mas também em momentos de lazer, como forma de vivenciar uma experiência enriquecedora.

Outrossim, referente à formação do leitor, Kleiman considera que:

A procura de coerência seria um princípio que rege a atividade de leitura e outras atividades humanas. Ora um dos caminhos que nos ajudam nessa busca é o engajamento, a ativação do nosso conhecimento prévio relevante para o assunto do texto” (KLEIMAN, 2009, p.29-30)

Portanto, na concepção da autora, a atividade de leitura é um processo complexo, uma vez que o leitor, para depreender os sentidos contidos no *corpus* do texto, ele necessita ativar o conhecimento de mundo que possui a fim de inferir, compreender e reconstruir os sentidos extraídos da leitura, de maneira tal que o texto torne-se coerente, isto é, que faça sentido para quem o ler.

Por sua vez, a atividade de leitura no âmbito escolar possui uma abordagem de ensino-aprendizagem conteudista e limitada à aprendizagem mecânica, em muitas das vezes, é utilizada apenas como pretexto para o “bem falar” e o “bem escrever”. Kleiman (2009, p.30) pontua que, no contexto escolar, “a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análises sintáticas, e outras tarefas do ensino de língua”. É sabido que a leitura que fica apenas no campo metalinguístico, que se preocupa somente com a decodificação do código e dos elementos intralinguísticos é ineficaz no processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno precisa refletir acerca da utilização dos mecanismos linguísticos na composição do texto, compreendendo o porquê das escolhas lexicais, fonéticos, semânticas e sintáticos, para compor as intenções comunicativas do texto.

Ainda, referente ao ensino de leitura, Kleiman (2009, p.35) considera que “a leitura que não surge de uma necessidade para chegar em proposito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido.”. Assim, uma leitura sem motivação, ao não possuir uma relevância para o processo de aprendizagem do aluno, exclui a possibilidade de aprendizagem, as informações passam despercebidas e, conseqüentemente, são esquecidas rapidamente.

Diante do exposto, Brasil (1998) pondera que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24)

O trabalho com a leitura através de gêneros textuais deve acontecer desde o Ensino Fundamental, principalmente no terceiro e quarto ciclos, já que “o desenvolvimento da capacidade do adolescente de análise e investigação, bem como de sua possibilidade de tratar dados com abstração crescente, permitem ao professor abordar os conhecimentos linguísticos de forma diferenciada” (BRASIL, 1998, p. 48-49). Além disso, abordar gêneros que possuem linguagem verbal, não verbal e mista é uma maneira eficiente de formar leitores proficientes,

capazes de extrair sentidos contidos nas entrelinhas de uma charge, de um cartum sem muitas delimitações, por exemplo.

Em suma, o papel do professor, como mediador da leitura, é crucial para a formação de leitores eficientes, que compreendem que os sentidos dos textos não se constroem sozinhos, mas sim através da leitura de elementos intralinguísticos contidos no texto, mas também a partir da leitura de elementos extralinguísticos, os quais abarcam o conhecimento de mundo do leitor, o momento histórico de produção da obra, o autor. Kleiman (2009, p. 36) considera que “o texto não é um produto acabado, que traz tudo para o leitor receber de modo passivo”, ou seja, o leitor crítico não deve ser passivo frente ao texto, pois os sentidos do texto não estão completos, há sempre lacunas que deverão ser preenchidas no momento da leitura através das inferências do leitor, conhecimentos de mundo, levantamento de dados, hipóteses etc., para atribuir sentidos ao texto.

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) E O ENSINO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (PCN) foram publicados no ano de 1998 a fim de viabilizar aos professores da educação básica o ensino de língua materna sob uma nova abordagem. De acordo com Brasil (1998, p. 70), essa nova perspectiva acerca do ensino de língua materna reflete de maneira significativa referente ao ensino de leitura, concebido como um processo no qual o leitor atua ativamente na compreensão e interpretação do texto.

A leitura não é apenas a decodificação do código, trata-se de uma atividade complexa que para ser proficiente é necessário que o leitor faça inferências, isto é, adicione informações ao texto através de conhecimentos prévios, interprete de forma lógica os traços linguísticos, relacione as informações contidas no texto com o conhecimento de mundo e busque informações que completem a leitura. Brasil (1998, p.70) pontua que é através da utilização desses procedimentos “que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.”

É sabido que a leitura é um processo complexo de decodificação e compreensão do código no qual exige autonomia dos alunos para selecionar informações, inferir aspectos externos ao *corpus* do texto e organizar o pensamento. Nesse sentido, a escola tem um papel de suma relevância para a formação de leitores proficientes, entretanto, há uma grande evasão dos

alunos no decorrer do 3º e 4º ciclos, em virtude de muitos discentes não conseguirem obter bons rendimentos no âmbito escolar, uma vez que às leituras impostas pelas instituições, as quais não são instigantes, em muitas das vezes, para os alunos.

Seguindo esse pensamento, de acordo com Brasil (1998, p.70), é responsabilidade inerente à escola “organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real [...]”. Sendo assim, é no âmbito escolar que a competência leitora é desenvolvida, permitindo ao leitor proficiente ler de maneira satisfatória os textos integrais, como também compreender os textos que circulam socialmente na literatura e jornais – os textos que circulam no cotidiano dos alunos.

Outrossim, a habilidade de leitura está atrelada à compreensão do leitor acerca de quatro sistemas, a saber: pragmático, semântico, sintático e fonológico, posto que a compressão do que está escrito se dá a partir dos aspectos intralinguísticos em conjunto aos aspectos extralinguísticos. De certo, desenvolver a competência leitora dos alunos é de suma relevância para a formação de cidadãos críticos, capazes de refletir acerca de tudo que lhe é imposto, de organizar ideias e expor pensamentos.

Diante do exposto, Brasil (1998, p.70) pontua que a contribuição do professor e outros leitores é de suma relevância para que o leitor não-autônomo possa desenvolver, através da prática de leitura no decorrer das aulas, a habilidade de leitura proficiente de diversos gêneros textuais. Como resultado, há a troca mútua de informações a fim de propiciar uma leitura além da decodificação de códigos linguísticos, assim como também há uma abordagem de leitura distinta para cada gênero textual, pois cada gênero requer uma atenção por parte do leitor à diferentes aspectos do texto, em outras palavras, não se lê um poema do mesmo modo que se lê um anúncio publicitário – cada gênero possui características relativamente estáveis, as quais necessitam de uma atenção singular.

Além disso, à medida que cada gênero necessita de uma recepção adequada para conseguir compreender os sentidos nas estrelinhas, as atividades escolares também precisam ser elaboradas e organizadas com o intuito de extrair o essencial de cada texto. Brasil (1998, p.70), explana esse aspecto no tocante à elaboração de atividades adequadas ao gênero trabalhado, refletindo acerca das diferentes abordagens, como esquemas e resumos que “pode ajudar a apreensão dos tópicos mais importantes quando se trata de textos de divulgação científica; no entanto, aplicar tal procedimento a um texto literário é desastroso, pois apagaria o essencial o tratamento estilístico [...]”

Portanto, os 3º e 4º ciclos tem a finalidade de aprimorar os procedimentos aprendidos no decorrer dos ciclos anteriores com vistas à compreensão mais acentuadas de textos literários. De certo, é tarefa da escola proporcionar aos alunos meios de expandir os modos de ler os textos literários e não-literários, embora no âmbito escolar seja dado ênfase ao trabalho com os textos que são literários, uma vez que é relevante compreender os mecanismos linguísticos utilizados para compor o texto, as escolhas lexicais, o contexto de criação, entre outros elementos.

Brasil (1998, p. 71) pontua que é necessário para aumentar os modos de ler, “o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva [...]”, a fim de que o aluno conheça uma diversidade de textos e compreenda a partir da leitura de títulos diversos o modo como funciona a literatura. Entretanto, além da escola ter a tarefa de oferecer suporte para que os alunos tenham contato com diversos textos, é importante que ela tenha uma atividades de leitura eficientes a fim de alcançar os objetivos de ensino-aprendizagem, a saber: leitura autônoma, leitura colaborativa, leitura em voz alta pelo professor, leitura programada e leitura de escolha pessoal.

A leitura autônoma está atrelada a independência do aluno para pode ler silenciosamente textos que já possui certa proficiência. Segundo Brasil (1998, p.72), a leitura autônoma permite ao aluno uma maior independência da mediação do professor para a compreensão do texto, por conseguinte o aluno adquire mais confiança em si e no potencial da capacidade leitura que possui. Por sua vez, a leitura colaborativa é uma atividade em que consiste na participação conjunta entre aluno e professor no processo de leitura de um texto. Brasil (1998, p.72) pontua que essa atividade “é uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciam muito do nível de autonomia dos alunos.”.

Outrossim, há a atividade denominada leitura em voz alta pelo professor que se refere às atividades de leitura que são realizadas pelos alunos e mediadas pelo professor, como também as leituras que são efetuadas exclusivamente pelo professor. Exemplificando, há a leitura compartilhada de livros em capítulos, os quais possibilitam aos alunos o acesso a textos longos e complexos que podem agregar muito no processo ensino-aprendizagem, uma vez que abre, para o aluno, o horizonte de possibilidades de leitura. Há também a leitura programada, uma atividade que consiste na leitura prévia de partes de uma obra a fim de, posteriormente, acontecer a leituras do trecho combinado com o professor a fim de discuti-lo em classe com a mediação do professor

Por fim, há a leitura de escolha pessoal que são atividades planejadas para desenvolver o comportamento do leitor, isto é, habilidades que o leitor assíduo desenvolve por intermédio da prática constante de leitura, por exemplo: a elaboração de critérios para escolher obras, definição de preferências no âmbito literário. Brasil (1998, p.73) ressalva que, nesse tipo de atividade, “o objetivo explícito é a leitura em si, é a criação de oportunidades para a constituição de padrões de gosto pessoa”. É comum na abordagem de atividades de leitura com enfoque na escolha pessoal, o professor escolher um autor, gênero ou tema e orienta os alunos a escolherem um título de interesse na biblioteca da escola para ler em casa em um determinado tempo. Após o término da leitura, em dia definido pelo professor, os alunos se prontificam a relatar a impressões acerca da leitura do texto, opinam se a leitura é relevante ou não, se é prazerosa gostou ou não.

A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E O ENSINO DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento – homologado recentemente, em dezembro de 2017 – que visa nortear a elaboração dos currículos para todos os alunos da educação básica do Brasil. O documento possui um caráter normativo, posto que define o conjunto das aprendizagens necessárias que deve ser atingido, progressivamente, ao longo das etapas da educação básica de escolas públicas e particulares, de maneira tal que o essencial do ensino seja atingido pela maioria dos alunos.

Outrossim, o documento normativo, que dialoga com os Parâmetros Comum Curricular (PCN), é referência na elaboração dos currículos e propostas pedagógicas de toda esfera nacional, já que ele assegura às instituições escolares dos estados, municípios e distritos elaborem um currículo a fim de que as aprendizagens essenciais sejam alcançadas por cada aluno ao longo das etapas da educação básica. Logo, há a uniformização do nível de aprendizagem.

Além disso, a BNCC possui uma abordagem de ensino que prioriza a aprendizagem atrelada ao desenvolvimento assíduo de competências. Conforme a definição de Brasil (2017, p.08), a competência é compreendida como sendo a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Assim, Brasil (2017, p.36) propõe um ensino de língua portuguesa centrado no texto, sendo, portanto, através da utilização de textos que o professor deve trabalhar todos os eixos

referentes à linguagem, a saber: o eixo da oralidade, o eixo da leitura, o eixo da produção de texto e o eixo da análise linguística/semiótica. Todavia, o foco no presente trabalho será destinado ao ensino de leitura aos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º),

Referente ao ensino de leitura nos anos finais do Ensino Fundamental, Brasil (2017) pontua que:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p.69)

É plausível inferir que o documento em enfoque compreende a leitura como um processo de interação entre o leitor com os textos escritos, orais ou multissemióticos, uma vez que é durante o processo de leitura que acontece a interação entre o leitor com o texto, resultando na compreensão dos sentidos contidos na obra. Outrossim, o documento apresenta uma concepção de leitura mais ampla, pois expõe outras finalidades para a leitura, a saber: discussão sobre temas socioculturais, pesquisa de trabalhos escolares, realização de procedimentos etc.

Nessa perspectiva, a leitura possui um viés mais amplo, portanto, pode assumir diversas funções no processo de ensino aprendizagem – desde a leitura de cordel que possibilita aos alunos a fruição estética até a leitura de textos de cunho social a fim de refletir sobre a temática que, mediante uma discussão proposta pelo professor em sala de aula, permite ao aluno opinar, refletir e construir um pensamento crítico em relação à temática social. De certo, é relevante no processo de ensino-aprendizagem, trabalhar as habilidades de leitura a fim de que o aluno possa compreender de maneira eficiente os diversos gêneros textuais, tais como: seminários, palestras e simpósios, mas também dar suporte para que possa compreender os sentidos que estão nas estrelinhas dos memes, das pinturas, dos gifs etc.

Segundo Brasil (2017, p. 64), “as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir”. Em suma, é inegável que, na sociedade contemporânea, os alunos utilizam diariamente os gifs e memes no processo de comunicação, ou seja, esses gêneros textuais estão imersos no

cotidiano dos discentes de todas as instituições escolares. Sendo, portanto, cruciais para que os alunos possam expandir a criticidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, constatou-se que, na esfera do ensino de leitura no Ensino Fundamental (anos finais), as abordagens que enfatizam os aspectos sociointeracionistas, refletem de maneira significativa na aprendizagem proficiente dos alunados. Segundo Antunes (2003, p. 67), o leitor é um sujeito que interage de maneira significativa na aprendizagem, pois ele busca relacionar, interpretar e compreender o texto. Portanto, é inegável a contribuição dos documentos oficiais, os quais vêm melhorando as abordagens no tocante ao ensino de leitura nas instituições escolares. Agora, as aulas de leitura são orientadas a serem ministradas a partir do trabalho com os gêneros textuais, refletindo sobre os elementos intralinguísticos contidos no texto, mas também os extralinguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, foi possível concluir que, nos dias atuais, de acordo com as diretrizes de Brasil (2017), o ensino de leitura deve ser realizado através da utilização de diversos gêneros textuais, verbais, não verbais ou multissemióticos a fim de que o aluno compreenda não apenas os textos que circulam no livro didático, mas também os textos que circulam nas revistas, nos jornais, nas mídias digitais. Então, a partir de uma nova abordagem no ensino de leitura, é possível melhorar a formação do leitor proficiente, que consegue depreender os sentidos do texto, levantar hipótese e construir um pensamento crítico acerca do que foi lido.

No entanto, apesar dessas contribuições significativas com vistas ao melhoramento do ensino de leitura no âmbito escolar, não se pode dizer que a educação não tenha a melhorar, pois ainda há muitas mudanças que devem ser consideradas, as quais possam contribuir para a aprendizagem dos alunos. Portanto, é notório que educação tem que estar em constante evolução, buscando aprimorar os modos de perceber os conhecimentos de tal forma que todos os alunos consigam aprender os conhecimentos técnicos, que possam ser sujeitos críticos frente à sociedade, que saibam ser leitores críticos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aulas de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-

texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso em:
02/04/2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998

KLEIMAN, Ângela. Objetivos e expectativas da leitura. In: _____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 12.ed. Campinas: Pontes, 2009. p. 29-44.

MASCUSCHI, Luiz. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36